

**Centro Universitário de Brasília – UniCEUB**

**Faculdade de Ciências da Educação - FACE**

**Curso de Letras**

**“Forma Literária e representação social: um estudo da  
personagem Macabéa no romance “A hora da estrela” de  
Clarice Lispector”.**

**Adriana Cazé de Oliveira**

**Brasília, junho de 2006**

**Centro Universitário de Brasília – UniCEUB**

**Faculdade de Ciências da Educação - FACE**

**Curso de Letras**

**“Forma Literária e representação social: um estudo da  
personagem Macabéa no romance “A hora da estrela” de  
Clarice Lispector”.**

Monografia apresentada como requisito parcial para  
conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela  
Faculdade de Ciências da Educação do Centro  
Universitário de Brasília – UniCEUB, tendo como  
Professor- Orientador: Ana Luiza Montalvão

**Adriana Cazé de Oliveira**

**Brasília, junho de 2006.**

Ao meu noivo Rodrigo que por várias vezes presenciou momentos de desespero, choros e alegrias, me incentivando em todos os momentos a seguir sempre em frente e não desistir nunca, mesmo com todas as dificuldades. Pois sempre a frente de um obstáculo há uma vitória a ser conquistada.

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter me dado o dom da vida. Aos meus pais Sebastião e Josefa que mesmo diante de todas as dificuldades prezaram pelos meus estudos com todo apoio e carinho. Aos meus irmãos e amigos que mesmo estando longe sempre passaram uma palavra amiga e incentivadora de busca de um futuro melhor. E em especial ao Rodrigo meu noivo que em muitos momentos de dificuldades contribuiu com seus conhecimentos. E a minha orientadora Ana Luiza Montalvão que contribui nesse trabalho passando todos os seus conhecimentos e sabedoria.

A todos o meu muito obrigado!!

Os que me lerem, assim, levem um soco no estômago para ver se é bom. A vida é um soco no estômago.

Clarice Lispector

## RESUMO

Este trabalho científico trata sobre as questões sociais (forma literária e representação social) do romance “A hora da estrela” de Clarice Lispector. Sabe-se que o Modernismo brasileiro constitui-se uma estética divisória da arte brasileira: a liberdade de expressão, a busca de uma identidade nacional, o uso de uma linguagem direcionada para oralidade, um constante experimentalismo estético são alguns aspectos dessa inovadora estética do início do século XX, que teve seu marco inicial na famosa Semana de 1922. Tendo como elemento constituído do romance o personagem de ficção que representa pessoas imaginárias (criadas) ou reais que tem o poder de interpretar. Ao entender assim que por mais que personagem seja um ser fictício, uma criação literária da fantasia, ela representa seres da vida existencial, retratando, manifestando através dessa personagem manifestações existenciais, ou seja, se baseando antes de mais nada no tipo de relação existente entre o ser existencial e o ser fictício, para que através da personagem seja concretizado o ser real. Sabe-se que a literatura, pode ser utilizada como fonte para o estudo da sociedade com ligação na contemporaneidade, como no caso do crescimento da imprensa jornalística e da publicação de livros, ou seja, muitos passaram a viver a partir do século XIX desses impressos literários, como os folhetins impressos nos jornais do dia. A literatura não é um espelho do mundo social, mas parte constitutiva desse mundo, expressando visões de mundo que são coletivas de determinados grupos sociais. Clarice Lispector surge no Modernismo brasileiro com seu romance intimista em que analisa a fundo no íntimo dos seus

personagens, ficando o enredo como segundo plano. Em 1977 Clarice Lispector escreveu a sua única obra que trata de denunciar questões sociais na sociedade em sua obra “A hora da estrela”. No romance pode-se verificar explicitamente a questão de uma sociedade de capitalismo avançado presente na personagem Macabéa, uma nordestina vinda do sertão de Alagoas que é totalmente sugada por esta sociedade, por falta de instrução e desinteresse de uma sociedade hipócrita e cruel. Neste trabalho buscou-se fazer com que a sociedade venha a refletir sobre esta sociedade que permanece até os dias de hoje com essa visão capitalista. A reflexão sobre essas questões sociais, levou a conclusão de que nossa sociedade precisa repensar e implantar melhorias de visão social na tentativa de mudanças melhores e resgates de valores morais perdidos a séculos.

**Palavras-chave:** inovação – contemporaneidade – denúncia - insatisfação

# SUMÁRIO

Introdução .....	08
Capítulo 1 – O romance modernista e a personagem de ficção.....	10
Capítulo 2 – A relação entre literatura e sociedade na contemporaneidade.....	17
Capítulo 3 – A obra de Clarice Lispector no Modernismo brasileiro.....	26
Capítulo 4 – A desconstrução da obra “A hora da estrela” de Clarice Lispector, numa sociedade de capitalismo avançado.....	31
Conclusão .....	39
Referências .....	40

## INTRODUÇÃO

Este trabalho científico irá tratar de forma literária e representação social, delimitando como objeto de estudo “A hora da estrela” de Clarice Lispector, em que a pesquisa visa a identificação dos pontos negativos de uma sociedade cruel e injusta e mostrar à sociedade brasileira a questão de uma sociedade capitalista que visa benefícios apenas em prol de si, discriminando assim e excluindo as pessoas de situação financeira baixa ou mais precisamente (pobres), tratando-as como se elas não existissem perante a sociedade “vendando os olhos”.

A pesquisa analisa aspectos do Modernismo brasileiro, mostrando a relação existente entre a literatura e a sociedade na contemporaneidade e a presença e a importância da autora Clarice Lispector nesta estética do século XX e na sociedade. Para assim podermos chegar de fato no estudo da obra em questão “A hora da estrela” que tem como problemática “De que forma a personagem Macabéa expressa os aspectos de uma sociedade de capitalismo avançado”.

Para a realização da pesquisa a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica que consiste no estudo das contribuições científicas e/ou culturais e estudo de caso porque reúne o maior número de informações detalhadas com o objetivo de aprender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto. Tendo como principais autores consultados: Vilma Áreas, Adriana Facina, Antônio Cândido, Alfredo Bosi, entre outros, e o estudo de caso que procede à análise detalhada do objeto de estudo, a obra “A hora da estrela” de Clarice Lispector.

A pesquisa se divide em quatro capítulos sendo que no primeiro é realizado um estudo quanto ao surgimento do romance em meados do século XVIII com a estética romântica e a sua importância dentro de uma literatura feita para e com o povo. Ao surgir no século XX o romance modernista marcado com tentativas de mudanças do passado literário brasileiro por uma busca pela expressão nacional (nacionalismo). E concluindo o capítulo com o estudo da personagem de ficção com a sua relativa importância dentro do romance modernista; no segundo capítulo é abordado a relação entre a literatura e sociedade, observando de que maneira a literatura pode ser utilizada como fonte para o estudo das sociedades e qual a ligação com a cidade na contemporaneidade; no terceiro capítulo será focado o surgimento e a importância da escritora Clarice Lispector no Modernismo brasileiro com seus aspectos de uma literatura intimista e social; e para finalizar no quarto capítulo é feita uma análise minuciosa da obra “A hora da estrela” de Clarice Lispector demonstrando por meio de exemplos concretos retirados do texto em análise, a questão social de uma sociedade altamente capitalista.

Ficando evidente diante dos fatos expostos na obra “A hora da estrela” de Clarice Lispector a denúncia da realidade de uma sociedade brasileira cada vez mais degradada e totalmente capitalista que age apenas em prol de si, não agindo no intuito de beneficiar a toda a sociedade independente de classe ou etnia.

## CAPÍTULO 1

### O ROMANCE MODERNISTA E A PERSONAGEM DE FICÇÃO

O romance surgiu em meados do século XVIII, simultaneamente com a estética romântica. Esta estética constitui-se numa ampla revolução cultural originária da Escócia e da Prússia. O romance se juntava perfeitamente a esse novo estilo implantado que surgiu em conseqüência do natural desgaste das estruturas sócio culturais trazidas pela Renascença um movimento artístico e científico dos séculos XV e XVI, que pretendia ser um retorno à Antigüidade Clássica.

O romance nada mais é que uma prosa, caracteristicamente “objetiva”, “descrita” e “narrativa” que veio para ocupar o lugar da poesia épica, por ser uma literatura feita para e com o povo, mas especialmente a classe ascendente, a burguesia, classe social surgida na Europa em fins da idade Média, que com o desenvolvimento econômico mercantilista (o estado buscava garantir o seu desenvolvimento comercial, financeiro e o seu poder) e o aparecimento das cidades, veio a dominar a vida política, social, econômica e intelectual. Com o resultado alcançado dessa nova estética romântica aliada ao romance que veio para constituir-se de um espelho do povo, a imagem de uma sociedade burguesa, a poesia se deixa popularizar abandonando assim o exclusivismo dos salões esnobes e as cortes amaneiradas.

Após a Revolução Industrial inglesa na segunda metade do século XVIII, o romance tornou-se o porta voz das ambições, desejos e veleidades dessa burguesia

em ascensão e, ao mesmo tempo e sobretudo, ópio sedativo ou fuga da materialidade diária, ou seja, o romance continha uma imagem composta em duas camadas: na primeira oferecia-se à classe burguesa uma imagem tanto quanto possível otimista, formada sempre do encontro entre duas personagens para realizar o desígnio maior da gente burguesa, o casamento. Na segunda camada, entrava-se uma involuntária crítica ao sistema burguês, algumas vezes sutil e implícita, outras vezes declarada e violenta.

Foi no século XIX, que o romance passa a dominar em toda a linha (novelas, contos, crônicas), muito embora às vezes confundido com a novela ou dividindo com ela seu poder de influência. Balzac, escritor francês do século XIX, constituiu o verdadeiro criador do romance moderno, graças a sua “Comédia Humana”, escrita entre 1829 e 1850, um amplo painel da sociedade burguesa do tempo, pintado a cores variando entre indulgentes e profundamente críticas e sátiras.

Ao longo do século XIX, apesar da evolução e das diferenças visíveis no romance, estava-se diante de romancistas e obras dentro dum tipo de arte que logo já estava definido e aceito, não se aceitava mudanças, assim o romance ainda era um romance padrão em que se mostrava uma imagem tanto quanto irreal, apresentando a imagem do que pretendiam ser e não o que eram efetivamente, obediente a regras propostos e impostos pela burguesia, ou seja, quando se havia alguma mudança, apenas era feita no que dizia respeito a técnica de composição e nada mais.

Gide, escritor francês do final século XIX, que vindo um pouco depois de Proust, escritor francês também do século XIX, alarga as conquistas da sondagem interior com a descoberta da “disponibilidade psicológica” que torna as personagens

e conseqüentemente o romance muito mais próximo da “verdade” existencial que se quer detectar. O resultado assim é uma aproximação cada vez maior com a vida, ânsia eterna do romance desde o seu nascimento. Com isso à medida que o romance vai se aproximando da vida, vai perdendo terreno e individualidade. Para Massaud Moises:

... sua faculdade essencial consiste em reconstruir, recriar o mundo. Não o fotografa, mas recria; não demonstra ou repete, reconstrói, a seu modo, o fluxo da vida e do mundo, uma vida sua, um mundo seu, recriado com meios próprios e intransferíveis, conforme uma visão particular, única, original.<sup>1</sup>

É como se seu mundo estivesse a desabar sobre a sua cabeça, e o romancista vem e reconstrói a seu molde, ao seu mundo real e para reconstruir este mundo burguês o romancista obedece ao contorno de seu mundo criado. Tudo é determinado por esse mundo. O autor procura abarcar o máximo possível com sua intuição. O drama das personagens há de ser universal em si, por nascer de inquietudes espirituais longas ( a condição humana, o sentido da vida, o ser e o não-ser ) ou de situações históricas momentaneamente universalizadas ( a fome, as catástrofes, a escravidão, a opressão ).

A partir do século XX o romance modernista foi marcado pela tentativa de mudanças do passado literário brasileiro, a busca pela expressão nacional (nacionalismo), a busca por uma língua genuinamente brasileira, e a ruptura com as estruturas do passado, fossem elas no campo das artes, da política... . Assim surge na década de 20 as duas obras de Mário e Oswald de Andrade – “Memórias sentimentais de João Miramar” e “Macunaíma“, obras que podem ser consideradas

---

<sup>1</sup> Moisés, Massaud. *A criação literária: Prosa*. São Paulo, Cultrix, 1985. p 97

as mais representativas da prosa modernista. Elas representaram a revolta contra o passado literário brasileiro que estava ligado à Europa, se submetendo a fórmulas lingüísticas rígidas, destruidoras e ridículas.

“Macunaíma” é a exposição contra o convencionalismo temático, contra o colonizado alienado da realidade. E segundo José Hidelbrando Dacanal “É o massacre impiedoso do que restava de um sistema já impotente e esgotado há muito tempo”.<sup>2</sup>

Foi a tentativa de organizar um Brasil novo em busca da sua própria identidade, resgatando as suas tradições, costumes e etnias que haviam permanecido praticamente ignorados pelas elites. Mas para que isso pudesse acontecer era preciso romper com o passado extra-europeu em que o Brasil estava inserido, mas que na verdade não fazia parte e ser o que realmente era, ou seja, voltado para uma literatura inovadora e popular. Como em “Memórias sentimentais de João Miramar” que representava uma reviravolta lingüística, estilística e narrativa. Sendo assim, outra vez, a destruição do passado.

Assim pôde-se observar que “Macunaíma” e “Memórias sentimentais de João Miramar” foram obras que deram início ao processo inovador, assim chamado romance modernista brasileiro.

O marco desse movimento foi assinalado pela Semana de Arte Moderna ocorrida no Teatro Municipal em São Paulo, em fevereiro de 1922, conhecida como “A Semana de 22”.

A Semana foi à explosão de idéias inovadoras que aboliavam por completo a perfeição estética tão apreciada no século XIX. Os artistas brasileiros buscavam uma

---

<sup>2</sup> Dacanal, José Hidelbrando. *O romance modernista*. Porto Alegre, Universidade, 1990. p 20

identidade própria e a liberdade de expressão. Essa arte nova apareceu inicialmente através da atividade crítica e literária de Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Mário de Andrade e alguns outros artistas que vão se conscientizando do tempo em que vivem.

Oswaldo de Andrade em 1912 começa a falar do Manifesto Futurista, de Marinetti que foi publicado pela primeira vez em Le Figaro de Paris, em 22/02/1909, e nele, o poeta italiano Marinetti propõe “o compromisso da literatura com a nova civilização técnica”. Mas, ao mesmo tempo, Oswald alerta para a valorização das raízes nacionais, que devem ser o ponto de partida para os artistas brasileiros.

Em 1917 ocorre a exposição de pintura da artista Anita Malfatti que coloca a arte moderna de um modo concreto para os brasileiros. Suas obras, influenciadas pelo cubismo, expressionismo e futurismo provocaram grande polêmica ao público, levando Monteiro Lobato a escrever um artigo para o jornal “O Estado de São Paulo” em que faz críticas a pintora e aos novos movimentos artísticos.

E, finalmente em 1922 é realizada a Semana de Arte Moderna, realizada com o objetivo de destruição das velhas formas artísticas na literatura, música e artes plásticas. Procurou-se fazer uma amostra geral da prática modernista de conferências, recitais, exposições e leituras.

Um dos acontecimentos marcantes foi no momento em que Ronald de Carvalho lê um poema de Manuel Bandeira, o qual não comparecera ao teatro por motivo de saúde: “Os sapos”. O poema tratava-se de uma ironia aos parnasianos. Este foi recebido através de vaias e gritos.

Os principais participantes da semana na literatura foram: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Menotti del Picchia,

Guilherme de Almeida e Sérgio Milliet e na música e artes plásticas se destacaram Anita Malfatti, Di Cavalcante, Santa Rosa, Villa Lobos e Guiomar Novaes.

Os eventos da Semana de Arte Moderna se tornaram a marca mais caracterizada da presença entre eles, de uma nova concepção do fazer e compreender a obra de arte, renovando assim a mentalidade nacional e colocando o país na atualidade do mundo.

Os estudos realizados até aqui a respeito de romance, romance modernista e mais adiante tratando do personagem de ficção fazem parte do objeto de estudo deste trabalho “Macabéa” em “A Hora da estrela” de Clarice Lispector.

Um dos elementos constituídos do romance é a personagem, que representam pessoas imaginárias (criadas) ou reais, que têm o poder de interpretar seja em peças teatrais, poemas, romances, e outros. Dentre diversos tipos de personagens um que se pode citar é o personagem de romance que é um dos elementos centrais para poder dar significado ao enredo, pois ela é que irá viver o enredo e as idéias, e assim os torná-los vivos, ou seja, são pessoas que vivem dramas e situações dentro da narrativa à imagem e semelhança de ser humano, “representações”, “ilusões”, “desilusões”, “sugestões”, “ficções”.

Segundo Antônio Cândido “Não espanta, portanto que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance”<sup>3</sup>.

Assim pode se entender que por mais que a personagem seja um ser fictício, uma criação literária da fantasia, ela representa seres da vida existencial, retratando, manifestando através dessa personagem manifestações existenciais, ou seja, o

---

<sup>3</sup> Cândido, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo, Perspectiva, 1998. p 54

romance se baseia antes de mais nada no tipo de relação existente entre o ser existencial e o ser fictício, para que através da personagem seja concretizado o ser real. Assim ao possuir muitas vezes afinidades ou diferenças entre o ser real e o fictício que são importantes para se criar um sentimento de verdade, que é a verossimilhança, ou seja, algo que se parece o mais real possível.

O personagem de romance, muitas vezes retrata a insatisfação, algo que não esteja completo no seu semelhante, procurando usar assim alguém fictício que possa transmitir tal mensagem.

Ainda segundo Antônio Cândido, “Na vida, estabelecemos uma interpretação de cada pessoa, a fim de podermos conferir certa unidade à sua diversificação essencial, à sucessão dos modos-de-ser”<sup>4</sup>.

Já no romance de ficção, o escritor muitas vezes estabelece uma lógica da personagem, retrata algo que seria talvez esperado pelo ser vivo.

Mas não quer dizer que o autor possa transplantar um ser da realidade. Ele deverá acrescentar idéias a esses personagens e assim talvez procurar revelar a pessoa copiada, através de explicações que não sejam da pessoa viva.

Pode se notar uma importância que tem a personagem “Macabéa” no romance “A Hora da Estrela” de Clarice Lispector em que é trabalhada a vida real de um povo sofredor, por meio de um personagem fictício e a importância que a literatura possui ao tratar a respeito da relação desse personagem com a sociedade. Assunto este que estará sendo abordado no próximo capítulo.

---

<sup>4</sup> Cândido, Antônio. *Op. cit.*, p 58

## CAPITULO 2

### A RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E SOCIEDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Neste capítulo será abordada a relação entre literatura e sociedade, ou seja, de quais maneira a literatura pode ser utilizada como fonte para o estudo das sociedades e qual a ligação com a cidade na contemporaneidade, assuntos estes que estarão sendo abordados em razão do objeto de estudo deste trabalho a obra “A Hora da Estrela” de Clarice Lispector.

Literatura, nada mais é que a arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso, ou seja, aquele campo das letras que conquistou certa autonomia e especialização no mundo contemporâneo destacando-se do que costumava denominar “belas artes”, incluindo além da poesia e do romance, a filosofia, a história, o ensaio político ou religioso.

A literatura se consolida com força a partir de 1848, quando a derrota da onda revolucionária que varreu a Europa, e que ficou conhecida como a “Primavera dos povos”, impôs um questionamento das relações entre literatura e política estimulando-se assim o surgimento do escritor, em que sua principal função era a experiência com a linguagem, e através da linguagem se apropriar do mundo e inventar a sua própria realidade. Outro fator de grande importância foi o crescimento da imprensa jornalística e da publicação de livros na Europa no século XIX, ou seja, a partir daí muitos passaram a viver da venda desses impressos literários, como os

folhetins impressos nos jornais do dia. Mas para que essa venda fosse um sucesso era necessário que se “prendesse” o público, ou seja, o seu processo de criação era em grande medida, determinado pela necessidade de agradar ao público leitor.

Assim pode-se entender que a literatura é esse conjunto de escritos, geralmente ficcionais que sofre o processo de autonomização e geralmente os autores são considerados escritores, ou seja, um tipo específico de intelectual cujo trabalho envolve necessariamente a preocupação estética com a linguagem. Segue-se normalmente duas linhas: uma que é o defensor da “arte pela arte” em que o autor se preocupa mais com a experimentação formal do texto do que com a transformação da sociedade, e a outra seja um ator engajado, em que se vê na sua obra um instrumento para mudar o mundo. Ambos veiculam idéias, valores e opiniões através de um tipo de escrita em que forma e conteúdo são inseparáveis.

Os escritores são produtos de sua época e de sua sociedade, assim por mais que ele seja consagrado, ele se depara com imposições, limites que limitam a sua liberdade de escolha impostas pela sua sociedade, e a criação literária é um produto histórico que transmite fatos ocorridos numa sociedade, produzidos numa sociedade específicos, por um indivíduo inserido nela.

É preciso assim tirar esse caráter sagrado de que a criação literária é uma esfera da atividade humana completamente autônoma em relação às condições materiais de sua produção, ou seja, dizer que é apenas criações individuais e que não existe participação de uma sociedade, passando assim a analisa-la como um todo, destacando a sua dimensão histórico-sociológica.

A literatura é um produto cultural, assim tudo que é produzido pelo ser humano é cultura, ou seja, pode-se entender que cultura não é algo que nasce com o

indivíduo, mas alguma coisa que deve ser cultivada, que é adquirida e que envolve um processo de formação individual.

A partir do século XVIII o significado de “cultura” ganhou uma grande relevância no contexto dos estados alemães, em oposição a noção de civilização, pois “civilização” descreve o resultado de um processo, partindo do ponto de que as sociedades se movem constantemente para frente em direção ao progresso. Conceito esse universalista que se relaciona ao expansionismo colonialista de povos cujas fronteiras e identidades nacionais já são bem definidas.

Já “cultura” diz respeito a fatos intelectuais, artísticos e religiosos, implicando necessariamente realizações. Conceito esse que delimita e que dá ênfase às diferenças nacionais e às identidades particulares de grupos.

Raymond Williams também analisava a oposição entre civilização e cultura que se constituía a partir do século XVIII. Segundo Raymond Williams:

...Civilização era uma palavra nova, que possuía dois significados principais naquele contexto do século das Luzes: “ Um Estado realizado, que se podia contrastar com a “barbárie” mas também agora um estado realizado de desenvolvimento, que implicava processo histórico e progresso”.<sup>5</sup>

Até fins do século XVIII, segundo Raymond Williams, civilização e cultura eram termos intercambiáveis, ou seja, uma troca de idéias. Porém a partir das obras de Jean-Jacques Rousseau, foi elaborada uma crítica à civilização como sinônimo de superficialidade e artificialidade, de valorização de aspectos exteriores da convivência social, como a polidez e a etiqueta, em detrimento do desenvolvimento da interioridade, do cultivo dos impulsos humanos mais profundos e mais próximos ao estado natural. A cultura passou a ser associada à vida interior, à subjetividade,

---

<sup>5</sup> Facina, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004. p 14

às singularidades individuais, expressando-se nas artes e literatura, e o mais correto seria falar de culturas no plural, remetendo à idéias de “um processo social fundamental que modela ‘modos de vida’ específicos e distintos”.

Assim, entende-se, que a noção de cultura indicaria o desenvolvimento dos indivíduos no sentido de sua formação, enquanto a de civilização apontaria para progressos coletivos potencialmente universalizáveis, ou seja, a cultura de um povo seria expressão de sua individualidade, de suas particularidades, e não universal.

Segundo a antropologia moderna que estuda as características socioculturais da humanidade, não deve se analisar a cultura apenas do ponto de vista da arte, literatura ou filosofia, mas sim os modos de vida em geral (práticas religiosas, rituais) do ser humano. Já no final do século XIX e início do século XX, os antropólogos lançaram mão da noção de cultura para explicar a diversidade existente entre as sociedades humanas. Essa diversidade, ao invés de ser explicada por critérios biológicos ou ambientais marcados por uma hierarquização que valorizava a “raça branca” e a sociedade européia, deveria ser compreendida como fruto das inúmeras culturas dos mais variados povos, pois a cultura implica um processo de aprendizagem, assim como a capacidade humana de elaborar e transformarem a sua própria história.

Um outro ponto que remete a relação entre cultura e sociedade é com relação a cultura em abstrato em que se está adotando uma visão idealista acerca dos fenômenos culturais. A visão idealista acerca da cultura abstrata a vê como uma esfera completamente autônoma em relação as outras dimensões da vida humana, ou seja, a cultura seria para o alcance de poucas pessoas, algo homogêneo, pairando sobre a sociedade. Ainda que estando presente os conflitos e as divisões

na sociedade, a cultura teria uma dimensão separada das condições de produção e reprodução material da vida, sendo, portanto, “desinteressada”. Mas essa perspectiva idealista está associada a uma valorização da cultura mais “nobre” da atividade humana, ou seja, o que se verifica são os gostos da alta camada eletizante da sociedade.

E a chamada “cultura popular” que é composta pelo povo será que não se tem cultura neste meio social? Com certeza que sim, mas a sociedade os exclui no pensamento de achar que esse “povo” não tem capacidade de criar a sua própria cultura. Como afirma Raymond Williams “...a separação entre cultura e vida social material tem sido a principal tendência do pensamento cultural idealista”.<sup>6</sup>

Mas muitas vezes essa valorização idealista, que “eleva” a cultura acima da reprodução material da vida, entra em controvérsia definindo a cultura como um campo secundário na qual idéias, arte, costumes, crenças, simplesmente espelhariam a infraestrutura ou base econômica. Com essa redução na elevação da cultura, esse tipo de materialismo inverte o sinal da visão idealista, mas continua a reproduzir a separação entre cultura e sociedade.

Na teoria do reflexo que possui uma imensa sucessão de idéias, argumentos para responder a essa visão dualista, há três vertentes interiores que traduzem essa visão como: a arte como reflexo imediato do mundo objetivo, a arte como reflexo não das aparências, mas da realidade por trás delas, das formas constitutivas do mundo, e a arte como reflexo do mundo tal como visto pela mente do artista. Assim poderia se fazer uma relação de Machado de Assis e a cidade do Rio de Janeiro. No primeiro

---

<sup>6</sup> Facina, Adriana. *Op cit.* p 18

caso, os escritos de Machado poderiam ser vistos como fonte para uma descrição da sociedade carioca de sua época, seus hábitos, seus costumes, suas maneiras de se vestir e se comportar. Na segunda vertente, a obra machadiana espelharia as estruturas sociais mais profundas dessa sociedade como, por exemplo, a escravidão e as divisões de classe. Por último, em referência a terceira vertente, pode se imaginar algo como “o Rio de Janeiro de Machado de Assis”.

O papel da arte, em especial da literatura, seria o de reconstruir essa totalidade com as suas contradições, penetrando além de sua aparência superficial, ou seja, através da construção de personagens típicos, o realismo crítico teria a capacidade de expor as contradições da sociedade que escapam ao pensamento reificado, e as formas literárias que são produtos históricos que buscam expressar realidades também históricas, e não elementos universais e atemporais.

A literatura não é espelho do mundo social, mas parte constitutiva desse mundo. Ela expressa visões de mundo que são coletivas de determinados grupos sociais, no entanto, pode-se afirmar que cultura, assim como a obra literária, é um produto humano ordinário, inserido na dinâmica da sociedade, permitindo assim romper com a concepção romântica que vê a arte e a cultura como esferas a parte da atividade humana, completamente autônomas e distanciadas da dimensão da produção material da vida, e conseqüentemente, mais elevadas, nobres e sujeitas a regras especiais de entendimento que, em geral, são vistas como da ordem da intuição e da sensibilidade, muito mais do que da análise racional.

Um dos gêneros textuais presentes numa literatura é a narrativa que se usa para contar uma determinada história. A narrativa brasileira contemporânea busca

dramatizar o mundo urbano marcando a identidade nacional do Brasil, gênero este presente no objeto de estudo deste trabalho “A Hora da Estrela” de Clarice Lispector.

De acordo com Antônio Cândido autor da “Formação da Literatura Brasileira”, há duas categorias de leituras: a primeira nasce do contato único com a cidade, sem ligação com o seu passado. A visão pura, portanto, porque tem pela frente a cidade como ela se apresenta no momento da contemplação e nada mais. E a visão impura seria a que mistura o olhar urbano atual com outros olhares possíveis, mesclado a experiência presente da vida urbana em contato direto, com o passado, a memória, a história, por conseguinte, com a tradição.

A partir dessa abordagem ao se tratar da relação cidade na contemporaneidade ao lado da “visão pura” eminentemente moderna e vanguardista, há de se considerar a categoria de “visão impura” que se atrela ao passado de nossas cidades, espaços repletos de histórias, da memória coletiva e individual.

A cidade é uma questão para as vanguardas européias, o debate latino-americano a privilegiará, indagando se ela poderia marcar a identidade nacional, frente ao cosmopolitismo que visa a pátria de todos os homens é o universo, ligado às noções de utopia e de progresso, o que levará os escritores modernistas a reivindicar uma literatura urbana, em oposição à literatura regional, que explorava, desde o Romantismo, a cor local, enquanto marca de nossa identidade.

Mas muitos sustentam que não se há o que se possa chamar uma literatura urbana, uma literatura que reflita a febre e o crescimento de uma grande metrópole. Os escritos, mesmo quando tematizam a grande cidade, voltam-se de preferência para aqueles aspectos mais antigos, mais característicos, mais provincianos.

Nesta perspectiva, cidade e nação integram os lugares antigos que, repertoriados e classificados, são promovidos a lugares da memória, onde são circunscritos e especificados.

As narrativas contemporâneas lutam para preservar o sentido das identidades culturais nacionais e locais dentro da nova lógica de um mercado transnacionalizado, num tempo do internacional popular. Assim elas buscam a possibilidade de a cidade representada na literatura brasileira das duas últimas décadas ser capaz de expressar uma identidade nacional única e estreitamente ligada, com a reciclagem dos seus aspectos mais característicos recuperados pela memória do localismo, ou seja, em defesa dos interesses locais.

Porém, as narrativas contemporâneas estão à mercê da construção da cidade imaginária liberta das marcas do seu cotidiano, ou seja, tematizam o descompromisso com o local e o desaparecimento mesmo da cidade. Eles não apresentam as marcas do mundo urbano: a violência, a solidão, a ausência de valores morais, a exacerbação do sexo, nenhum traço de humanismo; enfim, são corroídos os traços que poderiam indicar uma identidade forte.

Assim que são vistos os cenários urbanos não realizados e rarefeitos do tipo que apontam para a desconstrução do sentido de nacionalismo, que marcam um número expressivo de narrativas contemporâneas que sinalizam a reação a qualquer perspectiva de se estabelecer uma identidade única e homogênea e inquestionável para a literatura, a partir das cidades, abrindo mão de elaborarem alegorias nacionais, quando suprimem os vestígios do indivíduo nas megalópoles contemporâneas.

No capítulo 3 o destaque será dado à obra de Clarice Lispector no Modernismo brasileiro, autora do objeto de estudo desta monografia, a obra “A hora da estrela”.

## CAPITULO 3

### A OBRA DE CLARICE LISPECTOR NO MODERNISMO BRASILEIRO

O Modernismo brasileiro constitui-se uma estética divisória da arte brasileira: a liberdade de expressão, a busca de uma identidade nacional, o uso de uma linguagem direcionada para a oralidade, um constante experimentalismo estético são alguns aspectos dessa inovadora estética do início do séc. XX, que teve seu marco inicial na famosa semana de 1922.

Ao rejeitarem os padrões estilísticos portugueses, seus criadores cobrem de humor, ironia e paródia às manifestações modernistas, passando a utilizar as expressões coloquiais, próximas do falar brasileiro, promovendo a valorização diferenciada do léxico.

O mais importante era a atualidade, por isso centrava o fazer literário na expressão da vida cotidiana, descrita com palavras do dia-a-dia, afastando-se da literatura tradicional, consagrada ao padrão culto.

Os modernistas revelavam o nacionalismo através da etnografia e do folclore. O índio e o mestiço passavam a ser considerados por sua “força criadora”, capaz de provocar “a transformação da nossa sensibilidade desvirtuada em literatura pela obsessão da moda européia. Ao comporem o perfil psicológico do homem moderno, era expostas a angústia e infantilidade como forma de demonstrarem o caráter e a complexidade do ser humano, apoiando-se para tanto, na psicanálise, no surrealismo e na antropologia”.

O início do Modernismo no Brasil é assinalado pela Semana de Arte Moderna, ocorrida em São Paulo, em fevereiro de 1922. A Semana de 22, como também é conhecida, foi o resultado de uma série de eventos que marcaram a vida cultural brasileira nas duas primeiras décadas deste século, dentre elas podendo destacar o retorno de Oswald de Andrade da Europa, imbuído do Futurismo do Italiano Marinetti. Movimento modernista que se baseava numa dinâmica voltada para o futuro, que combatesse o passado, as traições, o sentimentalismo e que pregava novas e nítidas linhas positivistas e materialistas. Durante todos os fatos que ocorriam o país passava por um período histórico conturbado, que resultaria no fim da República Velha (1889 – 1930 ).

O movimento modernista brasileiro passou por três fases distintas, que pode-se relacionar com os acontecimentos políticos do país e a primeira fase foi marcada pela definição de comportamento e tendências, cheia de publicações de revistas e manifestos. Também na política, o Brasil passava por momentos de transformações (fim das oligarquias rurais e da política do “café-com-leite”), que vão culminar com a Revolução de 1930, quando Getúlio Vargas sobe ao poder com o apoio da burguesia industrial, na segunda fase em 1934, é promulgada a nova Constituição Brasileira, acompanhada da eleição de Getúlio Vargas para presidente da República. Mais tarde em 1936, vários membros do Partido Comunista são presos, incluindo os escritores Jorge Amado e Graciliano Ramos. Em 1937, uma nova constituição é promulgada com características fascistas.

No mundo literário tratava-se de uma fase de construção, com idéias literárias inovadoras e de muita produtividade – na prosa e na poesia. Abrindo essa fase o escritor Mário de Andrade com a obra *Macunaíma*, e José Américo de Almeida, com

Bagaceira. Caracterizando a fase por uma literatura construtiva e com consciência políticas, que não queria negar as mudanças dessa época, e na terceira fase no Brasil, é o período em que se encerra a ditadura de Getúlio Vargas e o fim da Segunda Guerra.

Na literatura, os autores brasileiros fugiam dos excessos iniciais da geração de 22. Desvinculou-se das teorias das escolas anteriores e procuraram transmitir suas emoções, os fatos da vida atual e a realidade do país de uma forma mais livre. Percebe-se nos autores modernos um vocabulário cheio de expressões coloquiais, traduzindo a fala típica brasileira, versos livres, estilo conciso.

Neste período a literatura era denominada essencialmente regionalista, onde os personagens contavam a difícil realidade social do país na época. Porém buscava-se uma literatura intimista, de sondagem psicológica, introspectiva. Surgindo assim Clarice Lispector escritora do objeto de estudos deste trabalho “ A Hora da estrela “.

Clarice Lispector escritora do objeto de estudo desta monografia “A hora da estrela” foi contista, cronista e romancista de destaque na literatura brasileira, surgiu no Modernismo em 1944 com a publicação do romance “Perto do coração selvagem” surpreendendo as críticas com o seu romance intimista.

Clarice Lispector é o principal nome de uma tendência intimista da moderna literatura brasileira. Sua obra apresenta como principal eixo o questionamento do ser, o “estar-no-mundo”, o intimismo, a pesquisa do ser humano, resultando assim no chamado romance introspectivo, apresentando uma certa ambigüidade, um jogo entre o “eu” e o “não-eu”, entre o ser e o não-ser.

Essa literatura introspectiva, intimista, se coloca como uma tendência na prosa moderna do Brasil, afastando-se mais do social, do retrato da sociedade em crise, para a crise do próprio indivíduo, sua consciência e inconsciência. O objetivo de Clarice é atingir as regiões mais profundas da mente das personagens para aí sondar os complexos mecanismos psicológicos. E é essa procura que determina as características de seu estilo intimista.

Assim pode se notar que é comum histórias de Clarice Lispector sem começo, meio ou fim, pois ela não estava preocupada com o enredo ou as ações, pois representariam apenas um segundo plano ou apenas meras ilustrações, ou seja, Clarice Lispector abandona quase que completamente a noção de trama e detém-se no registro de incidentes do cotidiano ou no mergulho para dentro dos personagens.

Segundo Alfredo Bosi, “Há na gênese dos seus contos e romances tal exacerbação do momento interior que a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise”<sup>7</sup>.

Assim pode se verificar algumas das características marcantes na produção literária de Clarice Lispector que é a sondagem dos mecanismos mais profundos da mente humana, a técnica “impressionista” de apreensão dessa realidade interior (predominância de impressões, de sensações) e características físicas das personagens diluem-se de uma tal maneira que nem nome apresentam.

No romance “A Hora da Estrela”, objeto de estudo deste trabalho, Clarice Lispector decide se afastar da inflexão intimista que caracteriza sua escrita para desafiar a realidade. Ao trilhar assim outros caminhos a produzir um texto que

---

<sup>7</sup> Bosi, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1986. p 479

apresenta dois eixos: o drama de Macabéa, pobre moça alagoana engolida pela cidade grande, e o drama do narrador, duelando com as palavras e os fatos. Podendo assim afirmar que se trata de uma narrativa de caráter social, e ao mesmo tempo, uma profunda e angustiada reflexão sobre o ato de escrever onde “a moça alagoana é um substantivo coletivo” por personificar um drama em que ela deixa de ser o transeunte anônimo, solitário e inseqüente, para adquirir o sentido incômodo de uma provocação em aberto, ou seja, o romance “A Hora da Estrela” é um romance sobre o desamparo a que, apesar do consolo da linguagem, todos estamos entregues.

No capítulo 4 será abordado as questões sociais presente na obra “A Hora da Estrela” de Clarice Lispector objeto de deste trabalho, com a desconstrução da obra como uma sociedade de capitalismo avançado.

## CAPITULO 4

# A DESCONSTRUÇÃO DA OBRA “A HORA DA ESTRELA”, DE CLARICE LISPECTOR, NUMA SOCIEDADE DE CAPITALISMO AVANÇADO.

### RESUMO DA OBRA

A hora da estrela narrada por Rodrigo S.M., narrador onisciente, conta a história de Macabéa, personagem protagonista, vinda de Alagoas para o Rio de Janeiro juntamente com sua tia que a criara após a morte de seus pais, mas tempos depois sua tia morre, assim a pobre nordestina vai morar com quatro colegas de quarto, além de trabalhar como datilógrafa (péssima, por sinal). Macabéa é uma mulher comum, para quem ninguém olharia, ou melhor, a quem qualquer um desprezaria: corpo franzino, doente, feia, maus hábitos de higiene. Além disso, era alvo fácil da propaganda e da indústria cultural (para exemplificar, seu desejo maior era ser igual a Marilyn Monroe, símbolo sexual da época). Macabéa não sabe quem é, o que a torna incapaz de impor-se frente a qualquer um. Começa a namorar Olímpico de Jesus, nordestino ambicioso, que não vê nela chances de ascensão social de qualquer tipo. Assim sendo, abandona-a para ficar com Glória, sua colega de trabalho; afinal, o pai dela era açougueiro, o que lhe sugeria a possibilidade de melhora financeira. Triste, Macabéa busca consolo numa cartomante, que prevê que ela seria, finalmente feliz... a felicidade viria do “estrangeiro”. De certa forma, é o que acontece: ao sair da casa da cartomante, Macabéa é atropelada por Hans, que dirigia um luxuoso Mercedes-Benz. Está é a sua “hora da estrela”, momento de libertação para alguém que, afinal, “vivia numa cidade toda feita contra ela”.

O problema que originou a pesquisa desta monografia trata das forma literária e representação social que estão inseridas na obra “A hora da estrela”, como: a inutilidade, a incapacidade de se igualar a pessoas menos desfavoráveis, pobreza, marginalização, alienação, confronto entre classes sociais, injustiça social, o comportamento ambíguo da sociedade brasileira em relação a aspectos peculiares como é o caso da questão racial e o cômico presente em todo o livro, assim especificados com exemplos retirados do texto.

Um dos confrontos entre classes sociais diferentes que pode-se encontrar é justamente o fato das longas reflexões e limitações do narrador Rodrigo S.M. sobre a possibilidade de escrever a história da nordestina, onde ele demonstra não saber como fazê-lo, dada a distância que o separa de Macabéa, e daí sua enorme dificuldade de se aproximar da moça, mostrando assim o seu primeiro obstáculo inicial a “inutilidade”, para contar a história da moça, do instrumental sofisticado de que dispõe o narrador: o saber acumulado de uma tradição erudita e clássica, sua linguagem e seu repertório literário em face de um material tão simples e tão pobre, a vida quase vazia de Macabéa. Vida, aliás, quase sem vida, a que o narrador teme não conseguir da visibilidade, pois já demonstra um distanciamento de classes do narrador com a personagem.

“O que me proponho a contar parece fácil à mão de todos. Mas a sua elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e mal vejo”.<sup>8</sup>

A incapacidade do narrador Rodrigo S.M. em encontrar expressões adequadas para narrar a história da nordestina, ou seja, palavras que estariam a altura de Macabéa, sugerindo assim a enorme dificuldade, ou quem sabe a impossibilidade de o escritor ou intelectual brasileiro falar do povo brasileiro cheio de problemas de modo convincente.

---

<sup>8</sup> Lispector, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998. p 19

“Por enquanto quero andar nu ou em farrapos, quero experimentar pelo menos uma vez a falta de gosto que dizem ter a hóstia. Comer a hóstia será sentir o insosso do mundo e banhar-se no não. Isso será coragem minha, a de abandonar sentimentos antigos já confortáveis”.<sup>9</sup>

“Agora não é confortável falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me pôr no nível da nordestina. Sabendo no entanto que talvez eu tivesse que me apresentar de modo mais convincente às sociedades que muito reclamam de quem está neste instante mesmo batendo à máquina”.<sup>10</sup>

Pode se identificar nos trechos acima a dificuldade, a ambigüidade demonstrada claramente pelo escritor em retratar a história de maneira honesta, deixando claro que a única forma é tentar se sentir como Macabéa, mas para isso é preciso se vestir e tentar ser um “nada”, para conhecer sentindo e assim poder demonstrar claramente a situação de Macabéa no meio de uma cidade que a devora por completo devido a sua falta de conhecimentos. Tornando-se assim um impasse difícil para o escritor pois o mesmo nunca esteve no mundo vazio como o dela.

Um ponto cômico que pode se identificar não deixando de haver uma certa ironia cínica, que demonstra que falar, de representar, a moça nordestina, pobre e feia soaria falso e artificial pois o narrador não consegue se igualar a nordestina, seria:

---

<sup>9</sup> Lispector, Clarice. *Op. cit.* p 19

<sup>10</sup> Lispector, Clarice. *Op. cit.* p 19-20

“Agora não é confortável: para falar da moça tinha que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar por pura exaustão, sou um trabalhador manual”.<sup>11</sup>

Identifica-se a questão da exploração pelo meio, em que só há possibilidade de salvação para os analfabetos, semi-analfabetos e alienados (por estarem muitas vezes satisfeitos com a vida promiscua que levam como o caso de Macabéa, que se contenta com apenas o fato de existir), seria estar dispostos a lançar mão dos meios deploráveis para alcançar uma posição confortável e “respeitável” mesmo que para se alcançar tal objetivo de ter “muito dinheiro” como era a idéia de Olímpico que teria que se sujeitar até o fato de matar pessoas, ou simplesmente se casar com alguém sem amor, porém que tenha um status acima do seu. Assim diz Olímpico:

“Pois para mim a melhor herança é mesmo muito dinheiro. Mas um dia vou ser muito rico, disse ele que tinha uma grande demoníaca: sua força sagrava”.<sup>12</sup>

Já para Macabéa inserida numa alienação total do mundo em que ela vivia apenas por viver, já que estaria ali nem sem menos se perguntar quem seria ou porque estaria ali, não desejava nem a menos crescer na vida como ela mesmo dizia num dialogo com Olímpico:

“...Cuidado com suas preocupações, dizem que dá ferida no estômago.

- Preocupações coisa nenhuma, pois eu sei no certo que vou vencer. Bem, e você tem preocupações?

- Não, não tenho nenhuma. Acho que não preciso vencer na vida.”<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> Lispector, Clarice. *Op. cit.* p 19

<sup>12</sup> Lispector, Clarice. *Op. cit.* p 45

<sup>13</sup> Lispector, Clarice. *Op. cit.* p 49

Outro personagem que se opõe a Macabéa socialmente demonstrando a exclusão de Macabéa pelo meio é sua colega de trabalho Glória, apenas pelo fato de ser mais “inteligente” e mais ágio no trabalho, e ser carioca mesmo sendo mulata, se torna a típica mulata sensual e namoradeira, fazendo assim que Olímpico se interesse por ela e abandone Macabéa, discriminado-a com palavras doloridas mas que Macabéa não se achava digna de se sentir triste pelo fato de que tristezas se valiam apenas para quem teria o luxo a riqueza.

“Macabéa bem viu o que aconteceu com Olímpico e Glória: os olhos de ambos se haviam beijado.

Diante da cara um pouco inexpressiva demais de Macabéa, ele até quis lhe dizer alguma gentileza suavizante na hora do adeus para sempre. E ao se despedir lhe disse:

- Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer. Me desculpe se eu lhe ofendi mas sou sincero. Você está ofendida?”<sup>14</sup>

“Também que é que ela podia fazer? Pois ela era crônica. E mesmo tristeza também era coisa de rico, era para quem podia, para quem não tinha o que fazer. Tristeza era luxo”.<sup>15</sup>

“Glória possuía no sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido. Apesar de branca, tinha em si a força da mulatice. Oxigenava em amarelo-ovo os cabelos crespos cujas raízes estavam sempre pretas. Mas mesmo oxigenada ela era loura, o que significava um degrau a mais para Olímpico. Além de ter uma grande vantagem não podia desprezar... O fato de ser carioca tornava-a pertencente ao ambicionado clã do

---

<sup>14</sup> Lispector, Clarice. *Op. cit.* p 60

<sup>15</sup> Lispector, Clarice. *Op. cit.* p 61

sul do país. Vendo-a, ele logo adivinhou que apesar de feia, Glória era bem alimentada. E isso fazia dela material de boa qualidade”.<sup>16</sup>

No trecho acima pode se identificar uma crítica social pelo viés da sátira e do humor. Pois Glória representa a ambigüidade da sociedade brasileira em relação a aspectos peculiares como é o caso da questão racial. Ao mesmo tempo em que ela é tida como símbolo da sensualidade e explorada exaustivamente pela indústria dominante na sociedade de consumo. Porém nota-se que Glória mesmo tendo os atributos físicos que satisfaçam os homens, para convencer a sociedade de que não era apenas uma mulata, ela precisava oxigenar os cabelos para que assim ela pudesse significar um status a mais para a sociedade.

Pode se observar também a questão do descaso com as pessoas de baixa renda “pobres” em que até os médicos que deveriam prezar pela saúde e bem estar de todos independente da situação financeira, se mostram pouco preocupados com estas pessoas ao ponto de nem mesmo se prepararem para atendê-los (como no caso do atendimento de Macabéa) como sugere o narrador:

“ Esse médico não tinha objetivo nenhum. A medicina era apenas para ganhar dinheiro e nunca por amor à profissão nem a doentes. Era desatento e achava a pobreza uma coisa feia. Trabalhava para os pobres detestando lidar com eles. Eles eram para ele o rebotalho de uma sociedade muito alta à qual também ele não pertencia. Sabia que estava desatualizado na medicina e nas novidades clínicas mas para pobre servia. O seu sonho era ter dinheiro para fazer exatamente o que queria: nada”.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup>Lispector, Clarice. *Op. cit.* p 59

<sup>17</sup> Lispector, Clarice. *Op. cit.* p 67-68

Podendo assim revelar traços de um capitalismo atrasado pois as pessoas não davam valor ao trabalho digno, mas sim achavam que quem deveria fazê-los era os escravos e eles teriam apenas muito dinheiro para não fazer nada.

Um ponto forte que pode ser encontrado no médico que atendeu a Macabéa é a forma de acomodação, parasitismo e preguiça, qualidades que não deveria existir numa pessoa com “status profissional elevado” tornando assim cômica a figura do médico e além do mais rebaixando-o ao nível das demais personagens sem instrução, inclusive de Macabéa.

“ O médico muito gordo e suado tinha um tique nervoso que o fazia de quando em quando ritmadamente repuxar os lábios. O resultado era parecer que estava fazendo beicinho de bebê quando está prestes a chorar”.<sup>18</sup>

Na personagem, a cartomante, ou madama Carlota, responsável por revelar o destino trágico de Macabéa, pode se identificar aspectos da tragédia social brasileira, como a prostituição, a questão do trabalho ilegal, ou seja, a fronteira que separa o legal do ilegal, pois ela faz parte de um mundo proibido sendo até mesmo muitas vezes perseguida por policiais. Afirmando ela que apenas Jesus Cristo está ao seu lado conforme descreve o narrador:

“ Eu sou fã de Jesus. Sou doidinha por Ele. Ele sempre me ajudou. Olha, quando eu era moça tinha bastante categoria para levar a vida fácil de mulher. E era fácil mesmo, graças a Deus. Depois, quando eu já não valia muito no mercado. Jesus sem mais nem menos arranjou um jeito de eu fazer

---

<sup>18</sup> Lispector, Clarice. *Op. cit.* p 67

sociedade com uma coleguinha e abrimos uma casa de mulheres. Aí eu ganhei dinheiro e pude comprar este apartamentozinho térreo”.<sup>19</sup>

“Olhe, a polícia não deixa pôr cartas, acha que estou explorando os outros, mas, como eu lhe disse, nem a polícia consegue desbancar Jesus. Você notou que Ele até me conseguiu dinheiro para ter mobília de grã-fino?”<sup>20</sup>

Encontra-se na personagem Macabéa a carência afetiva causada pela exclusão e esquecimento das pessoas, que ela sofre, ou seja, por ela não ser “ninguém importante” à esquecem, excluindo-a do meio. Assim pode se verificar no trecho abaixo num momento em que talvez macabéa encontre a felicidade.

“ Num súbito ímpeto (explosão) de vivo impulso Macabéa, entre feroz e desajeitada, deu um estalado beijo no rosto da madama. E sentiu de novo que sua vida já estava melhorando ali mesmo: pois era bom beijar. Quando ela era pequena, como não tinha a quem beijar, beijava a parede. Ao acariciar ela se acariciava a si própria”.<sup>21</sup>

A pesquisa foi concluída porque os exemplos retirados do objeto de estudos “A hora da estrela” de Clarice Lispector evidenciam a relação entre forma literária e representação social estando presente no trabalho por meio de vários exemplos presentes no texto.

---

<sup>19</sup> Lispector, Clarice. *Op. cit.* p 73

<sup>20</sup> Lispector, Clarice. *Op. cit.* p 73

<sup>21</sup> Lispector, Clarice. *Op. cit.* p 78-79

## CONCLUSÃO

Após o exposto neste trabalho fica evidente a questão da cruel realidade brasileira em que se encontrava o país nos anos 60 e 70, realidade essa que pouco mudou até os dias de hoje.

A obra em questão “A hora da estrela” de Clarice Lispector, foi uma forma que a autora encontrou de fazer uma literatura abertamente “social” em que denunciasse diretamente as mazelas sociais que o país estava passando, expondo a pobreza, a exclusão social, a separação de classes (ricos dos pobres), ou seja, a cara de um mundo pobre e feio repleto de promiscuidades.

Nesse sentido a obra em análise cumpre muito bem esse papel, pois através dos exemplos retirados do texto, pode-se evidenciar claramente essa relação existente entre forma literária e representação social, ou seja, ao mesmo tempo em que a literatura mostra a obra, ela faz com que a sociedade identifique e reflita sobre as mazelas reais que muitas vezes são escondidas pela sociedade existentes no nosso país. Tendo assim a obra “A hora da estrela” se prestado a um duplo sentido literatura/sociedade conforme explicito acima.

Para finalizar, fica explicito na obra “A hora da estrela” essa denúncia da realidade de uma sociedade brasileira cada vez mais degradada e totalmente capitalista que age apenas em prol de si. Busca-se o intuito de fazer com que a sociedade reflita numa tentativa de mudanças, de resgate de valores morais do país, passando isso através da literatura.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1986.

CÂNDIDO, Antônio. *A educação pela noite: e outros ensaios*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1989.

CÂNDIDO, Antônio e outros. *A personagem de ficção*. 9.ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DACANAL, José Hidelbrando e outros. *O romance modernista*. Porto Alegre: ed. da Universidade UFRGS, 1990.

FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária – prosa*. 9.ed. São Paulo: Cultrix, 1985.